



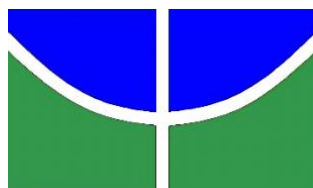
**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

BEATRIZ DE SOUSA RIBEIRO

**Trilhando o Caminho da Alfabetização: Estratégias de Acompanhamento Pedagógico
para Criança em Processo de Aprendizagem da Leitura e Escrita**

BRASÍLIA - DF

2024



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS**

BEATRIZ DE SOUSA RIBEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Madeira Coelho

BRASÍLIA-DF

2024

Trilhando o Caminho da Alfabetização: Estratégias de Acompanhamento Pedagógico para Criança em Processo de Aprendizagem da Leitura e Escrita.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada.

Aprovado em

Profa. Dra. Cristina Madeira Coelho
Orientadora

Profa. Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz
Examinadora

Profa. Dra. Débora Cristina Sales da Cruz Vieira
Examinadora

Profa. Dra. Paula Gomes de Oliveira
Suplente

AGRADECIMENTOS

É com muita gratidão e felicidade que agradeço a minha família que é o meu suporte e a minha base, sem eles não sei o que faria e como teria chegado até aqui. Desde pequena, tenho comigo a honra que é ser filha de Amadeus Ribeiro Leite e Francisca Celestino de Sousa, pois os dois sempre fizeram o possível e o impossível para que eu e minha irmã tivéssemos o necessário e que investíssemos em nossa educação. Lembro como se fosse hoje do meu pai vender latinhas para pagar algum passeio da escola ou até mesmo comprar algo que estivesse faltando em casa. São coisas pequenas, mas que fizeram e fazem toda a diferença na minha vida.

Agradeço a minha irmã Izabella de Sousa Ribeiro pelos puxões de orelha que no momento só me faziam sentir raiva, mas que no fundo sei que eram apenas a forma de dizer o quanto acredita em mim e no meu potencial, isso fez toda diferença na minha vida. Espero muito um dia ser um terço da mulher que ela é, mulher forte e guerreira que tem um futuro brilhante pela frente.

Foram quase seis anos de graduação e ao longo dessa caminhada tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis que passaram pelos mesmos perrengues da vida acadêmica. Eu não poderia deixar de agradecer-las por toda ajuda, conselhos e companheirismo. Agradeço em especial as minhas amigas Patrícia e Vitoria por estarem comigo até esse momento e por eu ter memórias incríveis dos momentos que passamos juntas.

Não poderia deixar de agradecer às minhas amigas-irmãs que me acompanham desde o ensino fundamental. Elas são meu apoio nos momentos tristes e felizes e sem dúvida já me ajudaram de todas as formas possíveis: Ana Thereza, Karin e Leticia vocês são meus amores para a vida e da minha vida.

Ademais, gostaria de agradecer também ao meu namorado Thiago que sempre escuta minhas lamentações e com muito carinho me entrega palavras de apoio e esperança.

Agradeço a Deus por tudo que Ele faz em minha vida e por me mostrar que mesmo que eu não esteja no controle, Ele me guia sempre pelo caminho certo.

Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram direta e indiretamente para que eu chegasse até aqui.

Minhas perspectivas futuras é de ser uma boa professora regente, pois este ano (2024) recebi a benção de ser professora na escola em que venho trabalhando há 5 anos em que iniciei como estagiária, monitora e agora regente. Quero levar adiante os ensinamentos e experiencias vivenciadas como auxiliar. Também planejo fazer um pós-graduação na área da educação, talvez em psicopedagogia e cursos ligados à emoção, além de passar em um concurso no prazo de 5 anos a contar. Desejo poder ajudar ainda mais os meus pais e minha irmã. À minha eu do futuro, espero que você esteja feliz e que tenha superado o medo da sua primeira regência, que tenha aprendido a lidar com frustrações e que nem sempre você vai ser controle de tudo. Ame, seja você e aproveite ao máximo o que vem pela frente.

MEMORIAL

Ao me deparar com a situação de ter de relatar e registrar momentos vividos até o presente tive a surpresa de constatar que já experienciei diversas coisas. Por outro lado, confesso que tive a sensação de que a vida é curta, sendo preciso correr contra o tempo para completar tudo aquilo que almejo.

Chamo-me Beatriz de Sousa Ribeiro, nasci aos vinte dias do mês de julho de mil novecentos e noventa e oito, no Hospital Materno Infantil de Brasília – HMIB. Atualmente, tenho 25 anos de idade. Meus avós paternos são o Sr. Antônio Ribeiro Leite e a Sra. Inácia Maria Ribeiro Leite (falecidos), os avós maternos são o Sr. Ardulino Celestino de Sousa e a Sra. Antônia Nazário de Sousa (falecidos). Sou filha do Sr. Amadeus Ribeiro Leite e da Sra. Francisca Celestino de Sousa. Tenho quatro irmãos que se chamam José Mauricio de Sousa Santos, Jaqueline de Sousa Borges, Carla Pereira Leite e Izabella de Sousa Ribeiro.

Meus pais são naturais do Piauí e Tocantins, das regiões norte e nordeste, respectivamente. Aos 21 anos, meu pai decidiu vir para Brasília em busca de melhores condições de vida, trabalhou como vigia em prédios do Cruzeiro e Asa Sul, mas se firmou como zelador na região administrativa do Guará, local que permanece até os dias atuais.

Amadeus foi casado por sete anos com outra mulher da qual acabou se separando posteriormente. Após o ocorrido, ele decidiu que não queria se relacionar com outras mulheres e foi então que apareceu um primo falando que a esposa tinha uma prima solteira e que julgava ser a pessoa certa para o meu pai. Dito isso, os dois começaram a trocar cartas e fotos para se conhecerem melhor.

Após um tempo, com o intuito de conhecer melhor a mulher com quem trocava cartas e fotos, Amadeus viajou para o Piauí de forma a encontrar minha mãe que também já havia passado por alguns relacionamentos, mas que acabaram não dando certo. Com dois meses que se conheciam meu pai convidou minha mãe para vir para Brasília morar com ele e sem pensar duas vezes o amor falou mais alto e minha mãe decidiu que aceitaria o convite.

Passados três meses da união dos dois, minha mãe descobriu que já estava esperando minha irmã Izabella, primogênita da união de Francisca e Amadeus. Após

três anos, minha mãe engravidou novamente e agora os dois aguardavam um menino que sempre foi o sonho do meu pai. Para a surpresa de todos eu quem estava a caminho, uma bebê de 3,900kg e 51 cm.

Tive uma infância muito divertida, brincando com meus vizinhos, andando de bicicleta, passeando pelos parques do bairro, cantando na igreja e fazendo aulas de reforço e caligrafia. Desde pequena, sempre tive um bloqueio para falar em público a ponto de esquecer até o meu nome, esse medo me perseguiu na minha vida escolar das séries iniciais até o ensino médio. No entanto, foi em um curso de assistente administrativo do Senai que me ajudou a perder aos poucos a timidez e quando ingressei no curso de pedagogia as coisas foram melhorando. Até hoje sinto que se não estudar sobre o assunto ou não me sentir preparada para determinadas exposições, os bloqueios ainda podem voltar a fazer parte da minha vida. Contudo, hoje sou muito grata pelo tempo e por cada vivência que tive ao longo da minha graduação em que fui experienciando a sala de aula e podendo trabalhar meus anseios e dificuldades e, acima de tudo, conhecer-me.

Há quatro anos, se alguém me perguntasse a profissão que gostaria de seguir no futuro, sem dúvida eu responderia que queria algo relacionado a área da saúde. No entanto, como a vida é incerta e nem sempre temos o controle de tudo, fui levada à caminhos inimagináveis.

Percebi que para ingressar em uma faculdade precisaria de ajuda para conciliar a rotina escolar e os estudos no turno contrário. A partir desse momento, começaria minha jornada de estudos para o Programa de Avaliação Seriada - PAS e Exame Nacional do Ensino Médio – Enem. Através de cursinhos gratuitos que acabei conhecendo pela mídia e por amigos que indicaram, fiz entrevista para o Vestibular Cidadão um cursinho gratuito que o Colégio Elefante Branco, localizado na Asa Sul, fornecia salas para os professores voluntários ministrarem aulas.

No processo seletivo para ingresso no cursinho solidário, consegui ser aprovada na primeira fase. À época, passei para a fase de entrevistas o que eu não contava era que cometeria uma gafe com o então presidente do projeto e por algum motivo não conseguiria a vaga. Isso ocorreu no primeiro semestre de 2016, na ocasião fiquei bem chateada, mas segui estudando em turno contrário na escola, Centro de Ensino Médio 02 do Guará – GG. O corpo docente contava com professores de reforço

que estavam sempre à disposição de quem estivesse interessado em melhorar as notas nas áreas de matemática e física.

Passado o primeiro semestre, surgiu outro processo seletivo para o Vestibular Cidadão e para o Galt Vestibulares também formado por professores voluntários para preparar alunos para ingressarem na Universidade de Brasília. Nessa segunda oportunidade, já sabendo como funcionava o processo, participei das duas seleções para ter mais chances de conseguir um cursinho.

O processo do Galt estava mais adiantado que o do Vestibular Cidadão, passada a primeira fase do Galt me preparei para a segunda que era a de entrevista e, dessa vez, tentei responder apenas o necessário e ser mais direta que na primeira entrevista que realizei no Vestibular Cidadão, na qual dei uma idade superior à que o presidente do projeto possuía o que ocasionou um clima desconfortável para ambos.

Dito isso, consegui passar para o Galt, mas, após algumas semanas, o Vestibular Cidadão me convocou para entrevista, só que como já havia passado para o Galt cedi a oportunidade para outra pessoa. Aí começaram os desafios, pois saía da escola 12h e passava em casa para almoçar, tomar um banho e ir ao cursinho que começava às 14h e acabava às 18h40.

Embora todos os percalços, o cursinho me deu uma boa base, visto que estava na fase de provas importantes para ingressar no mundo universitário. Tendo em vista esses aspectos, em 2017, já formada no ensino médio e apenas esperando o resultado do PAS e Enem serem liberados me deixei levar pela ansiedade e aflição por conta do resultado. Felizmente, não demorou muito para sair, o que me recordo da época é que no dia em que iam divulgar os nomes dos aprovados no PAS saí em direção a UnB com dois amigos para prestigiarmos juntos o resultado.

Para nossa decepção não havíamos sido aprovados para o primeiro semestre e sim para o segundo, fato esse que não sabíamos até voltarmos tristes para casa. Sendo assim, após essa volta desanimadora em não encontrar o nome no painel, entramos no site do CEBRASPE para vermos em que posição havíamos nos classificado e para a nossa surpresa havíamos passado para o segundo semestre e agora era apenas esperar a passagem do primeiro semestre para iniciarmos o curso. Kayo havia passado para administração, curso que abandonou depois de dois semestres de curso e Luís passou para jornalismo que era o curso dos seus sonhos

e se formou no ano de 2023. E eu na época para enfermagem, o qual cheguei a cursar dois semestres.

Durante esse tempo, esperando para começar o segundo semestre, trabalhei como jovem aprendiz em uma empresa de engenharia civil e em conjunto com essa empresa fiz um curso de auxiliar administrativo no Senai, onde como já foi citado anteriormente pude trabalhar melhor a minha timidez com os trabalhos em grupo. Lembro-me que no curso eram realizadas constantemente diversas dinâmicas, tais quais: atendimento ao público e lidar com diversas situações que envolvem o ambiente formal de trabalho, pois o curso contava com jovens de diversas empresas espalhadas por Brasília.

No decorrer do curso de auxiliar administrativo, já não estava mais vendo motivos para ingressar no curso de enfermagem que havia sido aprovada na UnB. Isso foi martelando em minha cabeça e abrindo portas para outras áreas que até então não havia pensado antes.

Por fim, ingressei no curso de enfermagem e continuei no curso de auxiliar administrativo o que fez a rotina do curso ficar ainda mais pesada e me desanimar a seguir. As matérias do curso de enfermagem da faculdade de Ceilândia consistiam em uma grade extensa e de difícil conciliação com o meu trabalho da época o que fez com que eu já não gostando do curso de enfermagem focasse mais na área administrativa em que já tinha mais experiências.

Como sabia que o curso de jovem aprendiz não seria para sempre e que teria que ter em mente alternativas, não me deixei levar pela ideia de apenas focar na área de administração e segui levando o curso de enfermagem. Fiz o primeiro semestre desgostosa, mas havia prometido para mim mesma que apenas sairia do curso de enfermagem se passasse no que eu tinha vontade e o que posso dizer de antemão é que ainda não era pedagogia e sim, psicologia.

Comecei a estudar na biblioteca da faculdade de Ceilândia para o vestibular sem contar para os meus pais que estava pensando em trocar de curso, apenas minha irmã e duas amigas que também faziam o curso de auxiliar administrativo comigo sabiam e me apoiaram na decisão por saberem o quanto não gostar de enfermagem estava acabando com o meu psicológico e minha vida social.

Em uma tarde estudando nessa mesma biblioteca me deparei com um livro que falava sobre autismo e como já estava querendo focar no que poderia estudar o curso de psicologia, não pensei duas vezes e o peguei para ler. O que me chamou bastante atenção foi o quanto não sabia sobre o assunto e o quanto a série *Atypical* da Netflix me fez entender um pouco do TEA (Transtorno do Espectro Autista), com isso passei a estudar a parte psicológica do autismo e me perguntar sobre as dificuldades que uma pessoa com TEA vive no seu cotidiano e como eu sendo uma futura psicóloga poderia ajudar nesses casos.

Chegou o grande dia de ir realizar o vestibular da UnB e como eu ainda estava com a matéria fresca na cabeça fui tranquila e me sentindo bem mais preparada para realizar a prova. No dia que o resultado preliminar saiu eu não cabia dentro de mim e como havia feito com enfoque em psicologia quando vi que a nota não daria para concorrer a vaga, logo pesquisei em qual outro curso poderia estudar sobre os assuntos que agora já estavam fazendo parte do meu processo de curiosidade e interesse.

Finalmente, começamos a explorar a decisão que mudou minha vida e mudou a forma como passaria a me conhecer e entender tudo que havia se passado até aqui. Sim, agora eu escolheria o curso de pedagogia por ter em sua grade matérias da psicologia que me fariam pensar e gostar do que estaria estudando. No primeiro dia de aula no curso de pedagogia já senti uma grande diferença, muitos falavam da pedagogia se espelhando em professores que tiveram na educação básica e do quanto amavam o processo de ensinar. Depois de muito tempo consegui me sentir parte de algo, estava ainda mais feliz por estar com pessoas que assim como eu, vieram de escola pública e estavam realizando o sonho de ingressar em uma universidade pública e ver que o sacrifício que fizeram até ali foi recompensado.

Atualmente, encontro-me no décimo primeiro semestre de pedagogia e escrevendo esse memorial com um sentimento de felicidade e gratidão em ter encontrado pessoas tão maravilhosas e que caminham comigo até hoje nessa jornada. Muitas colegas que iniciaram o semestre comigo se formaram no primeiro semestre de 2022 e outras assim como eu estão se formando no segundo semestre de 2023. É incrível ver que alguns colegas que ao longo dos semestres desanimaram, mas que atualmente já se reergueram e estão formadas, fazendo o que gostam.

A pedagogia não é só sala de aula, é explorar todos os cantos possíveis da escola, das empresas, dos hospitais. Com isso, as experiências que tive até aqui me ajudaram a pensar no tema que estou para defender a seguir, o processo de alfabetizar letrando e como as crianças no início da alfabetização se desesperam ao não conseguir diferenciar as letras e os sons. Sinto que por mais que faça parte do futuro como pedagoga será que eu, você, nós estamos preparadas para esse desafio?

Estudar pedagogia nem sempre foi minha primeira opção, mas no momento que ela apareceu e me fez perceber que grande parte do que eu tinha vivido até ali dando aulas de reforço, minha perspectiva mudou. São muitos os desafios e ver o quanto a profissão é desvalorizada desperta um medo e muitos anseios, mas aí que mora a arte e você me pergunta, como assim? A arte de nem sempre ter o controle e não saber o que pode vir a acontecer no futuro. E aí que está a melhor parte: ser professor é lidar com as dificuldades, anseios, adversidades e sempre procurar melhorar e seguir em frente com o que tem de melhor que é o aprender ensinando e como diria Paulo Freire: “É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.” Freire, Paulo.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir e propor uma reflexão sobre o tema brincar na alfabetização. Partindo de um atendimento individual de reforço feito com uma aluna do 2ºano do Ensino Fundamental I, com 8 anos de idade em fase de alfabetização. Foram realizados apontamentos acerca dos principais pontos relacionados ao tema do trabalho, a partir de uma sequência didática, confrontando teoria e prática. Assim, foi feita análise de como o brincar é a ferramenta fundamental para a alfabetização. Inicialmente, foi necessário conhecer os conceitos de infância e a importância do brincar para crianças em fase de alfabetização, além de investigar como essa faixa etária reage às experiências que têm valor para a criança que por isso ganham sentido particular para ela. No segundo momento, a brincadeira é apresentada como algo essencial para o desenvolvimento da infância e a cultura daquele indivíduo em formação. Por fim, são analisados os conceitos de alfabetização e letramento e como os dois se articulam entre si. Os capítulos iniciais serviram para a reflexão realizada sobre a prática pedagógica com a estudante.

Palavras-chave: Educação Infantil; Alfabetização; Brincar; Infâncias.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir y proponer una reflexión sobre el tema del juego en la alfabetización. Basado en un servicio de refuerzo individual realizado con un alumno de 2º de Primaria I, de 8 años en fase de alfabetización. Se tomaron notas sobre los principales puntos relacionados con la temática de la obra, a partir de una secuencia didáctica, confrontando teoría y práctica. Así, se realizó un análisis de cómo el juego es la herramienta fundamental para la alfabetización. Inicialmente, era necesario conocer los conceptos de infancia y la importancia del juego para los niños en la fase de lectoescritura, además de indagar cómo reacciona este grupo etario ante experiencias que tienen valor para el niño y por lo tanto adquieren un significado particular para él. En el segundo momento, el juego se presenta como algo esencial para el desarrollo de la infancia y la cultura de ese individuo en formación. Finalmente, se analizan los conceptos de alfabetización y literacia y cómo se articulan entre sí. Los capítulos iniciales sirvieron para la reflexión sobre la práctica pedagógica con el estudiante.

Palabras clave: Educación Infantil; Alfabetización; Jugar; Infancia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1 O Conceito de Infância	18
2.2 O Brincar no Desenvolvimento Infantil	20
2.3 Alfabetização e Letramento	22
3. METODOLOGIA	24
3.1 Sequência Didática.....	25
3.2 Análise	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

Pensar a infância e a educação no momento atual requer um grande esforço e uma profunda reflexão por parte da escola e da sociedade. Após o traumático momento vivenciado pela pandemia, foi possível identificar que as crianças foram impactadas de forma integral, em que se articulam o social, o cognitivo e o emocional. Além das questões de saúde, ligadas ao vírus, a pandemia trouxe para elas outras regras como o fato de não encontrarem amigos presencialmente, estudar através de telas e ter um núcleo restrito de auxílio nas tarefas de casa, normalmente, composto pelos familiares responsáveis. A situação foi desafiadora também para os professores que tiveram de se reinventar e produzir materiais ainda mais lúdicos que pudessem prender a atenção de seus alunos que estavam mais propensos a se distraírem durante as aulas online.

Ao longo dos séculos, a criança é considerada de forma diferente seguindo as referências da época e local em que está inserida. A concepção de infância é uma noção historicamente construída e que vem mudando e se manifestando de maneira única a cada época e sociedade.

A escolha do tema deste documento foi motivada por minha experiência como monitora em classe de pré-alfabetização da escola em que trabalho. Acompanhando a rotina da professora e das crianças me apareceu a questão de como as brincadeiras na infância desenvolvem as crianças para o que está por vir nas exigências da alfabetização. Durante brincadeiras no dia a dia de sala de aula pode-se perceber o quanto as brincadeiras fazem parte da rotina e como, ao brincar, cada criança interage com o seu meio.

Isto é, ao brincarem com bonecas podemos perceber que as meninas e meninos simulam uma conversa entre os brinquedos que remetem o diálogo às vivências já experienciadas ou conversas que ouviram de adultos ou ao brincarem de escolinha refletem a forma como a professora deles trabalha. Assim, fiquei fascinada para aprofundar a compreensão sobre como funciona o brincar no processo de alfabetização na infância e como as brincadeiras integram dimensões do desenvolvimento de forma a reunir aspectos cognitivo, emocionais e pedagógicos que

tradicionalmente são considerados de forma fragmentada tanto na pedagogia quanto na psicologia.

A estrutura deste trabalho está organizada em três capítulos. No primeiro o conceito de infância é abordado de maneira dinâmica, pois no decorrer dos séculos ele vai mudando. Conforme vão se passando os anos a infância vem sendo retratada de acordo com a época, costumes e sociedade na qual a criança se encontra inserida. Já o segundo capítulo retrata o brincar no desenvolvimento infantil com a finalidade de ilustrar a importância do lúdico na alfabetização. Se na educação infantil, as estratégias pedagógicas que vão trabalhar com a leitura e a escrita não devem ter a formalização dos primeiros anos do ensino fundamental, no processo de alfabetização e letramento, do Ensino Fundamental 1, os jogos e as brincadeiras também devem estar participando do processo de aprendizagem. Assim, na relação da criança com o mundo letrado o brincar é uma estratégia que não pode faltar.

Já o terceiro capítulo reflete sobre o que significa alfabetizar letrando, mostrando que por mais que alfabetização e letramento tenham significado distintos ambos apresentam uma relação muito forte, pois não se pode alfabetizar sem letrar, ou seja, ao mesmo tempo em que se ensina a ler deve se ensinar a escrever e a saber interpretar o que se pode ler porque nossa sociedade faz uso social desse sistema representacional que é a leitura e escrita.

Finalizo essa introdução, apresentando o problema de pesquisa e os objetivos deste Trabalho de Conclusão de Curso:

Problema:

Reconhecer a importância do brincar como ferramenta de desenvolvimento na alfabetização implica planejar estratégias pedagógicas que incluam o brincar. Como fazer isso?

Objetivo Geral:

Analisar estratégias pedagógicas de um processo de alfabetização vivenciadas em um atendimento pedagógico individualizado com aluna de 2º ano do fundamental 1.

Objetivos Específicos:

- Investigar o papel do brincar no desenvolvimento da alfabetização;

- Compreender as vivências da criança colaboradora no atendimento pedagógico individualizado;
- Identificar estratégias para alfabetizar crianças, considerando abordagens lúdicas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Conceito de Infância

Definir a palavra infância requer certo cuidado, pois de acordo com o referencial, a palavra adquire variações importantes. Por exemplo de acordo com o dicionário Aurélio, o mesmo se refere à infância como: “período da vida humana desde o nascimento até cerca de 12 anos, até o início da adolescência. E criança, no mesmo dicionário, é “definida como um ser humano de pouca idade” (FERREIRA, 2004). Já no dicionário Informal (SP), a palavra infância compreende o período de crescimento no ser humano que vai do nascimento à puberdade puerícia, meninice. E criança segundo a etimologia feita pelo site Coletivo Hermética é a pessoa que se entretém com coisas pueris ou não trata os negócios com seriedade.

A construção do conceito de infância teve um grande avanço com os estudos de Ariès (1914-1984), que se tornou o pioneiro desta temática, a partir da publicação de sua obra intitulada “História Social da Criança e da Família”, em 1960. Neste documento, o mesmo intitula que a infância foi um conceito historicamente construído e a criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim como um adulto em miniatura.

A infância como conhecemos hoje foi uma criação de um tempo histórico e de condições socioculturais determinadas, sendo um engano ousar analisar todas as infâncias de todas as crianças com o mesmo enfoque. A compreensão da infância muda com o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, e até mesmo com as peculiaridades individuais (Ariès, 1981).

Na história da educação brasileira, a ideia referenciada acima sobre infância é utilizada como princípio norteador para que se conheça como foi se desenvolvendo a forma como as crianças eram tratadas na antiguidade. Nos tempos atuais, temos uma ideia certamente mais extensa de que a criança possui direitos, deveres e recebe a atenção que anteriormente não se tinha.

Para Ariès, o sentimento de infância, presente na sociedade moderna, não existia durante a Idade Média. Praticamente inexistia esse sentimento, tanto da infância como da adolescência, fato que perdurou até o século XVIII. Nesse período, a criança logo que apresentasse algum desenvolvimento, como por exemplo,

deixasse de usar fraldas, misturava-se ao mundo dos adultos, participando de atividades semelhantes, como festas, jogos e brincadeiras. Para o autor, a família na Idade Média não tinha a função afetiva que tem hoje, “era uma realidade moral e social, mais que sentimental” (Ariès, 1981, p.67).

Assim cabe mencionar que de acordo com a época e cultura, a criança assumia um papel que na maior parte das vezes não dizia muito sobre a forma como a ela se enxergava e sim como os adultos a enxergavam, o que os levava a impor diversas maneiras de se comportar ou até mesmo desvalorizar a sua imagem. Dito isso, em algumas culturas se tinha a ideia de que as crianças não tinham experiências anteriores que as caracterizassem ou mudassem a forma como cada uma enxergaria o mundo, era como se as crianças fossem folhas em branco ou como autores gostam de mencionar, “tabulas rasas”, conceito que perdurou por um longo período.

Em consonância a isso, Heywood (2004), ao analisar o século XVIII, afirma que a emergência social da criança nesse período aconteceu devido às obras de John Locke, Jean Jacques Rousseau e dos primeiros românticos. Locke que difundiu a ideia da tábula rasa para o desenvolvimento infantil e de que a criança nascia apenas como uma folha em branco, na qual se poderia escrever o que se quisesse. Assim, cabe destacar, que o tratamento diferenciado remetido à infância aparece entre os séculos XVI e XVIII, pois, até essa época, a educação das crianças confundia-se com a inclusão delas, muito precocemente, em atividades de relevância para a sociedade.

Pode-se então afirmar que, a mudança de paradigma no que se refere ao conceito de infância está diretamente ligada ao fato de que as crianças sempre foram consideradas adultos imperfeitos, sendo assim, essa etapa da vida seria de pouco interesse, visto que “somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas por si sós” (HEYWOOD, 2004, p.10).

Compreende-se que com a evolução nas relações tanto sociais e relacionadas à cultura que se estabeleceu na Idade Moderna, a figura da criança passa a ter um papel central na família e na sociedade. Essa percepção faz com que laços, entre adultos e crianças, pais e filhos seja fortalecido e neste momento passe a ocupar a figura de um indivíduo social que faz parte da coletividade. Sendo assim, a família

passa a ter grande preocupação no que diz respeito à saúde da criança e à educação que ela irá receber.

2.2 O Brincar no Desenvolvimento Infantil

O brincar na infância vem cercado de nuances particulares em que as famílias muitas vezes confundem as brincadeiras propostas pelo professor como futilidade e perda de tempo, sem levar em consideração a perspectiva pedagógica e as habilidades que o professor está propondo desenvolver. Por exemplo, pular amarelinha, embora pareça uma simples atividade, já está trabalhando a lateralidade, a consciência dos números, o equilíbrio, o controle motor, dentre outras habilidades. Sendo assim, o trabalho aborda como o ato de brincar une, instiga e propicia o processo de alfabetizar.

O brincar desempenha um papel crucial no desenvolvimento infantil em várias áreas, pois antes mesmo de a criança começar a escrever e a ter consciência das letras para finalmente escrever ela deve: correr, pular, cantar, equilibrar, pintar, andar, entre outros. Tais atividades reúnem aspectos que serão de grande importância para desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico.

Sendo assim, no desenvolvimento cognitivo o brincar estimula a imaginação, a criatividade desenvolvendo o pensamento crítico, como também os jogos e as brincadeiras que envolvam resolver problemas irão contribuir para desencadear habilidades resolutivas de problemas. Sem esquecer-se das habilidades sociais que o brincar em grupo apresenta, como por exemplo as habilidades de comunicação, cooperação e compartilhamento. Ademais, as habilidades de coordenação motora, como pique-pega, corrida e jogos ao ar livre poderão promover saúde e desenvolvimento físico.

Dessa forma, os jogos são de extrema importância para chamar a atenção das crianças pois, através de jogos com regras, brincadeiras, o cantar, ouvir histórias, desenhar e dramatizar, a criança vai sendo capaz de criar situações e criar resoluções de problemas por meio da sua imaginação. Por isso, o brincar torna-se tão importante no processo e aprender a lidar com a escrita e a leitura, a alfabetização não se limita à mera decodificação de palavras, mas também envolve compreensão e interpretação que exige da criança produzir, imaginar, ter dúvidas e perguntar.

Através do jogo, a criança brinca, imagina, aprende, interage com o outro e se desenvolve. Quando se é criança as brincadeiras são diversas, sem contar os anseios e dificuldades que já nos primeiros anos a criança acaba experienciando na escola. A falta da família, a adaptação com a rotina e ao ambiente em que acaba de ser inserido traz consigo uma fase repleta de descobertas e desenvolvimento.

Para Vygotsky (2009 - 2018) em *Imaginação e criação na infância*, o brincar está baseado na imaginação em que, mesmo que seja o brincar livre, do jogo simbólico, o brincar vai ter suas próprias regras. Ou seja, ao brincar a criança tem a imagem do que vem a ser a figura da mãe, irmã, prima, etc. No entanto, o brincar com regras está ligado a forma como a criança tem guardada a imagem da pessoa que está para interpretar, no caso da brincadeira de mamãe e filhinha, ela irá imaginar ser a mãe da boneca e se comportar de acordo com a referência que tem de sua mãe ou de um adulto que desempenha o papel de cuidado. Quer dizer, essa atividade possibilita à criança gerar, produzir processos que de alguma forma estão relacionados com suas próprias vivências.

Isto é, para Vygotsky, a criança não apenas exercita o desenvolvimento cognitivo durante a brincadeira, mas também que o brincar impulsiona esse desenvolvimento. Ao brincar de faz de conta a criança está trabalhando a imaginação ao fantasiar que fala com outra pessoa. Já ao brincar com seus pares ela conversa e interage conforme os signos e símbolos que possui em seu repertório pessoal.

Através das brincadeiras, a criança atinge uma definição funcional de conceitos ou objetos, e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto. Vygotsky (1984) destaca a diferença entre o que uma criança pode fazer de forma independente e o que ela pode fazer com a ajuda de um adulto ou colega mais experiente. Esse conceito está relacionado a ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) que representa a distância entre o nível real de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver problemas de forma independente e o nível potencial alcançado.

Por exemplo, se uma criança está aprendendo a ler e consegue ler palavras simples sozinha, mas ainda precisa de auxílio para ler textos mais complexos, a ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) está ligada a esse processo. O professor ou

adulto auxiliador pode orientar de forma a ajudar a criança a entender e interpretar textos a sua maneira.

Sendo assim, o brincar envolve a independência da criança a um nível mais avançado de compreensão do mundo ao seu redor. Brincando a criança aprende a interagir de diversas formas com seu meio.

2.3 Alfabetização e Letramento

Alfabetização e letramento são processos distintos, mas inseparáveis. Alfabetização e letramento se somam, ou melhor, a alfabetização é um componente do letramento. Sendo assim, para ensinar a ler e a escrever o professor deve reconhecer o significado de alfabetizar e letrar que estão presentes no processo de aprendizagem.

A invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação. Uma vez construído, poder-se-ia pensar que o sistema de representação é aprendido pelos novos usuários como um sistema de codificação. Entretanto, não é assim. No caso dos dois sistemas envolvidos no início da escolarização (o sistema de representação dos números e o sistema de representação da linguagem), há dificuldades conceituais semelhantes às da construção do sistema e por isso pode-se dizer, em ambos os casos, que a criança reinventa esses sistemas. (Emília Ferreiro, 2000, p.16-17).

No entanto, Ferreiro (2000) anteriormente não está se referindo às crianças terem de reinventar os números e as letras, mas que a forma como se dispõe delas e utiliza desses elementos passam a fazer parte de um sistema com regras e em sua maioria complexos. Portanto, a alfabetização envolve um processo de construção de conhecimentos que leva os educandos a terem habilidades para a leitura e escrita que conforme estímulos e a forma como o professor estimulará as habilidades de seus alunos os resultados encontrados serão ímpares e de forma enriquecedora.

Pode-se compreender que a alfabetização e o letramento são processos indissociáveis que devem caminhar sempre juntos, sem perder a especificidade de cada um. É importante reconhecer a necessidade de promover a conciliação entre essas duas dimensões da aprendizagem da língua escrita. Para isso, é preciso que as práticas de alfabetização e letramento realizadas em sala de aula sejam planejadas

de forma que as crianças interajam com a cultura escrita e participem de experiências variadas com a leitura e a escrita. E também, que elas possam ter acesso aos mais diferentes tipos e gêneros de textos, para que possam compreender a função social de cada um deles (OLIVEIRA, 2017).

Quando o ambiente em que a criança cresce é cercado por pessoas que leem com certa frequência ou que contam com um acervo diverso de leitura como: livros, revistas, jornais, enfim, um ambiente que a criança tenha contato com materiais escritos essa etapa acaba sendo mais significativa e colaborando com o trabalho que professor desenvolverá de acordo com as capacidades de seus alunos.

É importante se ter em mente que cada criança é única e que o processo de alfabetização também deve ser adaptado para as habilidades de cada educando e conforme suas experiências individuais. Para Freire, a aprendizagem individual não deve ser encarada como algo isolado, mas sim como parte de um contexto mais amplo. Ele enfatiza a importância de uma abordagem holística da educação, que leve em consideração as experiências de vida, os contextos sociais e as identidades individuais dos aprendizes (FREIRE, 1968). É, portanto um processo simultaneamente individual e coletivo-social.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com Cecília uma criança de 8 anos, estudante do 2º ano do Fundamental I de uma escola particular. Há 4 meses, está sendo acompanhada individualmente por mim, em três momentos ao longo da semana. Os encontros aconteceram tanto na escola da criança quanto na casa dela, sempre após as aulas da aluna no turno vespertino.

A mãe de Cecília trabalha comigo e após diversos atendimentos que teve com a professora da menina, feitos com base nos apontamentos da professora sobre sua aluna, a mãe foi instruída a procurar atendimentos para a filha como: psicopedagogia, oftalmologia, fonoaudiologia, além de um acompanhamento escolar. Como a criança não se sentiu adaptada à forma do trabalho da psicopedagoga, fui convidada para fazer o acompanhamento escolar em atendimento individual. A mãe considerou que a criança já me conhecia e que talvez se sentisse mais confortável comigo. Como eu não tenho especialidade em psicopedagogia, alertei que seria interessante, para um resultado significativo, conciliar as especialidades (fonoaudióloga, psicopedagoga) e as minhas aulas.

A psicopedagoga através de hipótese diagnósticas, identificou inicialmente a menina com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), que também havia sido a opinião da professora da escola. Dessa forma, busquei adaptar nosso trabalho de uma forma que ela não tivesse que escrever tanto. Também porque nossos encontros eram à noite, após o período de aula da criança que estuda a tarde, e ela já estar cansada. O fato de ela estudar à tarde e ter uma rotina cansativa de estudos e atividades extracurriculares, como ginástica e futebol, e, ainda, passar o tempo integral na escola, produzia cansaço e desânimo na criança. Ela não conseguia estar concentrada por completo à noite para mais atividades que requereriam seu esforço e atenção. Essa situação era vivenciada com frustração e angústia por parte da criança, em não conseguir realizar comandos e atividades propostas.

Essa pesquisa foi realizada considerando as vivências da aluna, respeitando seu tempo e levando em consideração seu medo e sua insegurança que deveria enfrentar nesse processo inicial da alfabetização, pois não estava familiarizada com as letras, sílabas, códigos e símbolos. Questão essa, que ao analisar a educação particular e pública é pouco comum uma aluna de 2º ano de rede particular não estar alfabetizada e enfrentando dificuldades de aprendizagem.

3.1 Sequência Didática

Com o propósito de responder à pergunta norteadora da pesquisa que é: Reconhecer a importância do brincar como ferramenta de desenvolvimento na alfabetização implica planejar estratégias pedagógicas que incluam o brincar. Como fazer isso? foi realizada sequência didática com jogos do gosto da criança, escolhidos conforme a idade da aluna.

Como processo foi utilizada sequência didática voltada para a utilização de jogos na alfabetização e letramento que se torna uma ferramenta que promove o domínio do sistema alfabético, bem como a compreensão da leitura e escrita. A sequência didática abaixo descrita, correspondeu ao trabalho realizado durante 39 encontros.

Tema: Explorando as vogais

Objetivos:

- Reconhecer as vogais e suas correspondências gráficas;
- Relacionar as palavras com palavras do seu cotidiano;
- Desenvolver a consciência fonológica.

Atividades:

1 - Jogo das Vogais

O jogo tem como objetivo praticar a identificação das vogais através de uso de cartelas de bingo contendo palavras iniciadas por diferentes vogais. As palavras seguem a lógica de palavras que a criança tem familiaridade e reconhece a escrita, ademais faz parte de suas vivências e individualidade.

2- Caça as palavras

A atividade tem como objetivo caçar palavras no ambiente de aula. A aluna deve identificar e fazer a leitura das palavras encontradas em diferentes objetos ou locais da escola/casa. Essa atividade incentiva a observação e a relação entre objetos e seu contexto.

3 – Jogo da Memória das Vogais

Para avaliar o progresso na alfabetização, foi organizado um jogo da memória com cartas contendo pares de figuras e palavras. Isso permite que a criança demonstre seu conhecimento de forma lúdica.

Avaliação:

Os critérios e instrumentos e avaliação utilizados para monitorar o progresso foram:

- Desenvolver a capacidade de reconhecer e associar letras aos sons correspondentes;
- Formar palavras e sílabas;
- Assimilar entre objeto e palavra indicando que a palavra pode ter mais de um sentido.

3.2 Análise

Conforme o andamento das aulas, foi possível partir das vogais até a formação de sílabas, bem como a identificação de sons para trabalhar a consciência fonológica como parte do processo de alfabetização. Um dos desafios encontrados com a sequência didática foi que por mais a aluna reconheça vogais, consoante e sílabas, a criança não encontra segurança em juntá-las e identificar qual palavra está sendo formada nessa união, quer dizer mesmo reconhecendo o valor das letras a criança ainda não é capaz de conferir significado ao que decifra. O que fez com que o processo fosse muito das vezes cansativo e maçante para ela que está sendo alfabetizada e encontra uma sequência de erros que a desestimula.

Em parte, os objetivos buscados no processo da sequência didática foram alcançados. Com essa atividade foi possível analisar que a criança reconhece as vogais e suas correspondências gráficas. A aluna reconhece as vogais, sons e sabe escrever nomes da mãe, avó, irmã e professora o que faz parte de seu cotidiano, e portanto, indica estar no processo de desenvolver a consciência fonológica.

Revisitando a metodologia anterior feita e após amadurecimento da pesquisa, conversar com minha orientadora foi possível perceber que a brincadeira se fez mais presente na escrita teórica e na intenção da sequência didática do que na prática em si, visto que o brincar não está apenas em dizer que se está trabalhando de forma lúdica, mas a forma como se escolhe conduzir e se vincular ao ato de brincar.

Segundo Vygotsky (1984), a criança, para fazer parte do brincar, deve sentir prazer no jogo e a atividade deve fazer sentido para ela, por seus gostos, vivências prévias, interesses e motivações. No entanto, em outros textos sobre brincadeira de papéis sociais, Vygotsky refuta a ideia do prazer na brincadeira, pois como uma reelaboração criadora da realidade há a presença de tensionamentos, crises e conflitos próprios das relações humanas. Ou seja, a partir do momento que se está trabalhando com a área de interesse da criança o ato de brincar não está dado pelo objeto do brincar intrínseco à atividade. Nessa perspectiva, a relação com o adulto deixa de estar baseada na dependência da criança para acertar o que o adulto espera dela, e o adulto torna-se parceiro do processo ao invés daquele que sabe e atua apenas em função de um objetivo a ser alcançado. Isto torna lúdico o momento de atividade, a criança se sente segura, pois sabe que aquele adulto está ali para ajudá-la e não para julgar em errado ou certo a forma como está desempenhando os comandos.

Após essa análise, decidi mudar a dinâmica como estava trabalhando com minha aluna na tentativa de não ficar engessada no que eu estava considerando como brincadeira em que a criança gostava e que estava feliz em estar participando daquele momento. Juntamente com sua responsável, propomos uma atividade lúdica, sem dizer que ainda estávamos seguindo o roteiro da minha pesquisa.

Após esse redirecionamento, a sequência didática ganhou outro tópico, a saber:

4 – Dramatização com bonecas

Dramatizar situações de vida, permitindo que a criança explore e compreenda diferentes interações sociais.

Objetivos:

- Explorar processos da infância;
- Analisar os diálogos e o uso de vocabulário;
- Proporcionar um momento de troca entre diferentes idades

Em uma das últimas semanas de aula, cheguei à casa da aluna para o encontro e ela estava brincando com seus brinquedos antes de iniciar as atividades. Percebi que a aluna estava brincando com seu bebê “reborn”, sua boneca, e eu me aproximei e a observei brincando e criando diálogos com Cintia que foi o nome dado para a boneca pela própria aluna. Conversei com a mãe para substituir a atividade

programada de reforço e tentarmos algo mais livre. Nesse dia, trabalhamos no ambiente em que ela brinca, no tapete da sala, ao invés de irmos para a mesa de estudos que normalmente costumamos utilizar.

Nisso, questionei Cecília sobre os brinquedos que estavam dispostos naquele espaço e ela me mostrou as roupas, pentes, painéis e livros com os quais costuma contar histórias pra suas bonecas. Perguntei se eu poderia sentar e se ela poderia me emprestar uma boneca, momento no qual ela me emprestou uma que disse se parecer comigo por ser uma boneca negra algo que me deixou muito feliz e me trouxe memórias da minha infância.

Outra coisa que me chamou atenção foi o fato de ter livros ali naquele espaço e a Cecília me falou que conta histórias para suas filhas bonecas. Conteí para ela da minha primeira boneca e como eu acabei destruindo-a em uma briga com minha irmã. Conversamos sobre como em alguns anos as bonecas não eram tão variadas e em como atualmente contamos com bonecas diversas e conforme as várias representatividades presentes em nossa sociedade.

A partir daí, Cecília me questionou do porquê a briga com minha irmã e se fosse no passado, qual escolha de boneca eu faria? A expliquei que na minha infância o custo de uma boneca era superior ao que os meus pais poderiam me presentear e a então boneca que eu rasguei brigando com minha irmã, havia me sido dada por minha madrinha e que por sinal foi minha primeira boneca e caso, fosse atualmente, com toda certeza, eu iria querer ter uma Barbie negra com cabelos cacheados e volumosos.

A criança nesse momento percebeu que eu demonstrei certa emoção no olhar e me abraçou com o consolo de que hoje eu posso ter a boneca que eu quiser e que eu teria a boneca que se parece comigo. Foi uma conversa, um diálogo aberto, que possibilitou trocas de vivências, em que ambas trouxemos um pouco dos nossos medos, sonhos e de como a infância dela está sendo diferente da que eu tive, por mais que não faça tanto tempo assim.

A dinâmica anterior se tratou de aluna e professora estarem simulando diálogos com suas bonecas e trabalhando de forma livre os nossos diálogos sem existir acertos ou erros e apenas considerar que ambas tinham que naquele momento pentear os cabelos, pintar as unhas enquanto fofocam da vida e pensar em uma boa história para passar o tempo.

Essa atividade teve como fim incentivar o desenvolvimento de narrativas e aprimorar habilidades comunicativas. Dessa forma, o brincar de bonecas pode promover a aprendizagem de forma prática e significativa em que a dramatização de situações do cotidiano possa ser uma estratégia eficaz para o crescimento cognitivo, emocional e social, favorecendo o desenvolvimento da criança. Além disso, produz também o sentimento de empatia com o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa, foi possível verificar que, quando se utiliza de jogos como recursos didáticos, deve-se levar em consideração que o processo de ensino aprendizagem é mais eficaz ao se dedicar em fazer a criança se sentir estimulada e que aquele momento faça sentido tanto para a criança quanto para o adulto que a está auxiliando. Dessa maneira, o início da alfabetização não deve ser caracterizado com dinâmicas cansativas e sim, com atividades que envolvam a curiosidade, imaginação, criatividade e habilidades.

Muitos são os desafios que a educação precisa enfrentar e um deles é fazer com que a criança seja reconhecida como sujeito de direitos. Sendo assim, é importante fornecer formas da criança se desenvolver e vivenciar as diversas experiências que a vida as coloca a frente.

O brincar, para a infância, assume o papel de instigar a imaginação e possibilitar um repertório imenso de experiências que farão parte de toda a vida daquele indivíduo. Kleiman (1998, p.181) afirma que:

O letramento está também presente na oralidade, uma vez que, em sociedades tecnológicas como a nossa, o impacto da escrita é de largo alcance: uma atividade que envolve apenas a modalidade oral, como escutar notícias de rádio, é um evento de letramento, pois, o texto ouvido tem as marcas de planejamento e a lexicalização típicas da modalidade escrita.

Como resultado da sequência didática pude através de jogos da memória, caça-palavras e bingo analisar o desenvolvimento da aluna e a desenvoltura para reconhecer letras, famílias silábicas e correlacionar a palavra ao signo. Quer dizer, um trabalho formalizado da alfabetização com o foco sobre a estrutura silábica e fonológica do Português As aulas foram realizadas no período noturno após as aulas da criança em sua casa ou na escola em que estuda.

Em relação ao horário de estudo, ocasionalmente Cecília dormia ou estava cansada e as aulas não aconteciam conforme cronograma, o que dificultou uma melhor análise das atividades e de seu desempenho. Algo perceptível era o descontentamento e angústia dela ao errar repetidas vezes mesmo que diversas vezes tenha sido aconselhada que erros ocorrem e que ela não precisava se desesperar pois, esses momentos requerem tanto acertos quanto erros. Ademais, houve uma melhora significativa no rendimento da aluna em sala de aula, a criança em certo encontro relatou a felicidade de conseguir realizar a prova sem precisar do auxílio da professora ou estagiária da turma.

Contudo, os benefícios didáticos dos jogos são de suma importância, pois muito mais que um passatempo ele é a forma de promover uma aprendizagem significativa e capaz de desenvolver as crianças em diversas situações educacionais.

A pesquisa ora realizada buscou compreender a qualidade específica de um processo de alfabetização por isso enfocou apenas uma criança. Mesmo reconhecendo a singularidade das estratégias de ensinar e aprender seria interessante fomentar mais trabalhos e pesquisas sobre o tema, como uma forma de compreender, principalmente, como o brincar pode ser utilizado como estratégia pedagógica para o processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Míni Aurélio: **O dicionário da língua portuguesa**.6 Curitiba: Editora Positivo Ltda, 2004, 895 p.
- Ferreiro, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**/Emília Ferreiro -26. ed. São Paulo:Cortez,2011 – (Coleção questões da nossa época; v,6)
- Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968
- Heywood, Colin. **Uma história da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 21-47
- Kleiman, Ângela. Texto e leitor: **Aspectos Cognitivos da Leitura**. São Paulo: Pontes, 1997
- Oliveira, Andréia Cosme. **Alfabetizar letrando: O desenvolvimento da leitura e da escrita por meio da cantiga e roda**. Revista Tropos, volume 6, número 2, edição de 12/2017.
- VIGOTSKI, L.S. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Tradução: Zóia Prestes. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. ISSN: 1808- 6535 publicada em junho de 2008. p. 26-36.